



**NO PRINCÍPIO ERA O CANTO: A CRIAÇÃO DO MUNDO EM NÁRNIA E NA BÍBLIA EM PERSPECTIVA COMPARADA**

**IN THE BEGINNING WAS SINGING: THE CREATION OF THE WORLD IN NARNIA AND IN THE BIBLE IN COMPARATIVE PERSPECTIVE**

**EN EL PRINCIPIO FUE EL CANTO: LA CREACIÓN DEL MUNDO EN NARNIA Y EN LA BIBLIA EN PERSPECTIVA COMPARATIVA**

Miriam Lee<sup>1</sup>

e55241

<https://doi.org/10.63026/acercte.v5i5.241>

PUBLICADO: 05/2025

**RESUMO**

Este artigo analisa a relação entre literatura e espiritualidade por meio de uma leitura comparada entre *O Sobrinho do Mago*, de C. S. Lewis, e a narrativa bíblica da criação do mundo, conforme descrita no livro do Gênesis. A pesquisa investiga como a criação de Nárnia, realizada através do canto de Aslan, dialoga simbolicamente com a criação *ex nihilo* da tradição judaico-cristã, explorando elementos míticos, teológicos e literários. O referencial teórico apoia-se em autores como Judith Tonioli Arantes, Northrop Frye e Tânia Franco Carvalhal, com foco em literatura comparada e mitopoética. A metodologia utilizada é a análise comparativa entre os trechos centrais das duas narrativas, destacando convergências simbólicas e temáticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criação. Nárnia. Bíblia. Literatura comparada. C. S. Lewis.

**ABSTRACT**

*This article analyzes the relationship between literature and spirituality through a comparative reading between *The Magician's Nephew*, by C. S. Lewis, and the biblical narrative of the creation of the world, as described in the book of Genesis. The research investigates how the creation of Narnia, carried out through the singing of Aslan, symbolically dialogues with the creation *ex nihilo* of the Judeo-Christian tradition, exploring mythical, theological, and literary elements. The theoretical framework is based on authors such as Judith Tonioli Arantes, Northrop Frye, and Tânia Franco Carvalhal, focusing on comparative literature and mythopoetics. The methodology used is the comparative analysis between the central excerpts of the two narratives, highlighting symbolic and thematic convergences.*

**KEYWORDS:** Creation. Narnia. Bible. Comparative literature. C. S. Lewis.

**RESUMEN**

*Este artículo analiza la relación entre literatura y espiritualidad a través de una lectura comparativa entre *El sobrino del mago*, de C. S. Lewis, y la narración bíblica de la creación del mundo, tal como se describe en el libro del Gênesis. La investigación indaga en cómo la creación de Narnia, llevada a cabo a través del canto de Aslan, dialoga simbólicamente con la creación *ex nihilo* de la tradición judeocristiana, explorando elementos míticos, teológicos y literarios. El marco teórico se basa en autores como Judith Tonioli Arantes, Northrop Frye y Tânia Franco Carvalhal, con un enfoque en la literatura comparada y la mitopoética. La metodología utilizada es el análisis comparativo entre los fragmentos centrales de las dos narrativas, destacando las convergencias simbólicas y temáticas.*

**PALABRAS CLAVE:** Creación. Narnia. Biblia. Literatura comparada. C. S. Lewis.

<sup>1</sup> Graduada em Letras - Português e Inglês (licenciatura e bacharelado) pelo Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Tradutora do coreano para o português, com ampla experiência no ensino de língua coreana para falantes de português. Atua em cursos livres, oficinas e formações voltadas ao ensino de línguas, com ênfase em metodologias acessíveis e abordagens interculturais.



## 1 INTRODUÇÃO

Na intersecção entre literatura e espiritualidade, surge um campo fértil para reflexões significativas. Um exemplo notável é a obra do britânico C.S. Lewis, especialmente a série *As Crônicas de Nárnia*. Embora conhecida por seu enredo cativante, essa narrativa vai além da fantasia ao explorar temas profundamente enraizados na tradição cristã, muitos ecoando diretamente os ensinamentos da Bíblia.

C.S. Lewis permanece uma voz relevante na literatura contemporânea de língua inglesa, atraindo leitores com sua habilidade de tratar questões complexas de maneira acessível. *As Crônicas de Nárnia*, em especial, são valorizadas por suas mensagens morais e religiosas, frequentemente utilizadas no ensino em escolas e igrejas. Nessas histórias, Lewis aborda temas como coragem, lealdade e redenção, conduzindo os leitores por uma jornada literária que continua a inspirar diversas gerações.

Esta pesquisa propõe uma análise comparativa entre temas bíblicos e *As Crônicas de Nárnia* (2009), com foco em *O Sobrinho do Mago* (2005), concentrando-se na representação da Criação do Mundo. O objetivo é explorar como essas obras apresentam perspectivas distintas sobre origem, divindade e propósito, destacando a forma como Lewis reinterpreta o tema à luz da fé cristã.

A Bíblia Sagrada, texto fundamental para várias tradições religiosas, descreve a criação como um ato absoluto de Deus, que cria o universo *ex nihilo* (do nada). Deus é retratado como o Criador supremo, cuja palavra basta para trazer à existência todas as coisas. Essa narrativa estabelece os fundamentos teológicos da criação e do papel divino como sustentador do cosmos.

Em *As Crônicas de Nárnia*, Lewis oferece uma abordagem criativa à criação de Nárnia por Aslam, o Grande Leão. Diferente da criação bíblica, Nárnia surge de um espaço pré-existente, onde Aslam exerce autoridade divina interagindo com suas criaturas. Há um claro paralelo simbólico entre Aslam e Jesus Cristo, especialmente no papel redentor e sacrificial do leão. Além disso, tanto na Bíblia quanto em Nárnia, a palavra possui poder criativo e transformador, evidenciando sua ligação com o divino.

Ao analisar essas narrativas, buscamos revelar como diferentes formas literárias podem enriquecer a compreensão de temas teológicos como a criação. A fusão entre mitologia, simbolismo e espiritualidade nessas obras aprofunda a reflexão sobre a existência e a fé.

O referencial teórico baseia-se em *Literatura Comparada*, de Tania Franco Carvalhal (2006); *O Código dos Códigos: A Bíblia e a Literatura*, de Northrop Frye (2004); e a tese *Fantasy e Mito*, de Judith Tonioli Arantes (2016). Também será utilizada a Bíblia Sagrada – versão Almeida Revista e Atualizada –, reconhecida por sua fidelidade aos textos originais em grego e hebraico, justificando sua escolha como base textual para o estudo dos temas bíblicos. A metodologia adotada é a análise comparativa entre trechos de *O Sobrinho do Mago* e textos bíblicos, especialmente Gênesis, para compreender como a criação é ressignificada dentro da narrativa fantástica de Lewis.



## 2 LITERATURA COMPARADA E INTERTEXTUALIDADE: QUANDO AS OBRAS LITERÁRIAS CONVERSAM ENTRE SI

### 2.1 Literatura Comparada, Bíblia e a escrita de C.S. Lewis

Em *O Código dos Códigos; A Bíblia e a Literatura*, Northrop Frye (2004) apresenta um ponto de vista inovador ao considerar a Bíblia não apenas como um texto religioso, mas como uma base fundamental para a compreensão da literatura ocidental. Frye sustenta que “a Bíblia é a literatura sobre a qual toda a outra literatura é construída” (FRYE, 2004, p. 33), destacando seu papel fundamental e estruturador dentro do campo literário. Ela oferece uma variedade de histórias e arquétipos que têm permanecido vivas ao longo dos tempos, afetando a estrutura e os temas de inúmeras obras literárias. Por exemplo, temas como o sacrifício, redenção, apocalipse e renovação são frequentemente encontrados tanto em escritos sagrados quanto seculares, demonstrando o impacto significativo que a narrativa bíblica teve na consciência cultural e literária.

Uma ideia de texto secular que aborda este assunto é o clássico *Os Irmãos Karamazov* de Fiódor Dostoiévski (2013). Este romance profundamente filosófico aborda questões de fé, dúvida, redenção e sacrifício através das vidas tumultuadas dos irmãos Karamazov e os conflitos morais e espirituais que enfrentam. Ele examina a condição humana, a fé e a moralidade por meio das complicadas relações de uma família russa. Os quatro irmãos Karamazov e seu pai, Fyodor Pavlovich, são o centro da história. A história gira em torno de questões como fé, justiça e o conflito entre racionalidade e espiritualidade. O assassinato misterioso do pai é o ponto culminante da história, o que desencadeia intensas discussões morais e um processo judicial doloroso que desafia as crenças e valores de cada personagem. Ao longo do livro, Dostoevsky (2013) discute os temas de sacrifício e redenção, fornecendo uma ampla gama de conceitos teológicos e filosóficos que questionam o livre arbítrio, a existência de Deus e a natureza do mal. Um livro que desafia os leitores a pensar sobre questões profundas de fé, justiça e moralidade.

Ao mesmo tempo, Carvalhal (2006) estuda a dinâmica da intertextualidade em Literatura Comparada. Isso é fundamental para entender como textos de várias culturas e períodos interagem e se influenciam uns com os outros. Carvalhal sustenta que a literatura comparada mostra não apenas as conexões que existem entre os textos, mas também como os temas e estruturas dos textos se relacionam uns com os outros em vários contextos culturais e históricos. Segundo Carvalhal:

A literatura comparada deve ir além de simplesmente identificar conexões entre textos. Ela sugere que é crucial entender as influências e as formas como os textos de diferentes culturas e períodos interagem e se transformam mutuamente. Esta abordagem permite aos estudiosos revelar as nuances e as influências cruzadas entre as obras’ (2006, p. 50).

Além disso:

A intertextualidade envolve não apenas a identificação de influências diretas, mas a análise das transformações e assimilações de vários textos por um texto central, destacando a natureza dinâmica e interativa da literatura comparada’ (2006, p. 54).



**REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE**  
**ISSN 2763-8928**

**NO PRINCÍPIO ERA O CANTO: A CRIAÇÃO DO MUNDO EM NÁRNIA E NA BÍBLIA EM PERSPECTIVA COMPARADA**  
Miriam Lee

A utilização dessa técnica permite aos estudiosos ampliar a compreensão das obras em estudo, revelando nuances e influências cruzadas que podem não ser visíveis à primeira vista.

Em *Fantasy e Mito em O Silmarillion de J.R.R. Tolkien*, Judith Tonioli Arantes (2016) explora como os gêneros de fantasia incorporam elementos mitológicos e religiosos para criar universos que, embora fictícios, refletem e recontextualizam as preocupações humanas fundamentais. Arantes enfatiza que a fantasia não é apenas uma forma de escapar da realidade, é também um método para examinar e questionar aspectos da existência humana e crenças religiosas por meio do uso do imaginário. De acordo com Arantes (2016, p. 121):

[...] a literatura de fantasia permite não apenas uma fuga da realidade, mas também proporciona um meio de questionar e reexaminar as crenças religiosas e a existência humana. Através de elementos mitológicos e religiosos, os gêneros de fantasia refletem e recontextualizam preocupações humanas fundamentais em universos fictícios'.

Ao fazer isso, mitos antigos são alterados e adaptados para atender às audiências modernas, mantendo sua importância e poder de impacto. Além disso, ela discute como “os elementos mitológicos e religiosos são incorporados nos gêneros de fantasia, não apenas criando mundos fictícios, mas também refletindo e questionando as crenças e existência humanas” (ARANTES, 2016, p. 135).

Essas três perspectivas teóricas fornecem uma base sólida para entender como textos religiosos e literários interagem, impactam um ao outro e continuam a moldar a literatura e a cultura. Uma base sólida para estudar a interação entre a narrativa bíblica e as recriações literárias modernas, como as vistas em *As Crônicas de Nárnia* de C.S. Lewis, é fornecida pelas ideias de Frye, Carvalhal e Arantes. Essa análise demonstra como as histórias antigas são interpretadas em novos contextos criativos.

Arantes (2016), enfatiza a capacidade da fantasia de se tornar um meio de profundo envolvimento espiritual e moral, ultrapassando a mera diversão. Arantes discute como personagens e histórias de fantasia, especialmente aquelas que são inspiradas em muitas figuras religiosas, funcionam de uma maneira que vai além do prazer, provocando discussões sobre valores, ética e fé.

Aslam, o personagem principal, é um excelente exemplo dessa combinação de fantasia, mito e fé. Como uma figura leonina que representa a imagem de Cristo, Aslam cria Nárnia com uma fala poderosa e melodiosa. Ele também cria as bases morais e espirituais desse novo mundo. Suas ações e comportamentos refletem os ensinamentos cristãos sobre sacrifício, redenção e amor altruísta. Isso os conecta diretamente à figura de Cristo, que morreu e ressuscitou para salvar a humanidade. Pode ser observado esta semelhança no momento em que Aslam voluntariamente se sacrifica no lugar de Edmundo, assim como Jesus se sacrificou no lugar da humanidade.

Aslam afastou-se do vale e continuou a andar. Parecia seguir o mesmo caminho que tinham percorrido durante o dia, quando vieram da Mesa de Pedra. Foi seguindo sempre, levando-as ora para lugares escuros, ora para outros banhados de luar. Os pés das meninas estavam úmidos de orvalho. Aslam tinha uma aparência diferente. Cabeça baixa, cauda caída, caminhava devagar, como se estivesse muito cansado.



**REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE**  
**ISSN 2763-8928**

**NO PRINCÍPIO ERA O CANTO: A CRIAÇÃO DO MUNDO EM NÁRNIA E NA BÍBLIA EM PERSPECTIVA COMPARADA**  
Miriam Lee

Ao atravessarem uma clareira, onde não havia sombras nas quais pudessem esconder-se, as meninas viram-no parar e olhar em volta. Não adiantava fugir, então elas foram ao seu encontro. (LEWIS, 2005, p. 73)

São perceptíveis, por outro lado, as convergências entre Jesus e Aslam quando fazemos a leitura do seguinte trecho dos Evangelhos:

Então chegou Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani, e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto vou além orar. E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se muito. Então lhes disse: A minha alma está cheia de tristeza até a morte; ficai aqui, e velai comigo. E, indo um pouco mais para diante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres. (MATEUS 26:36-39)

Ao colocar Aslam como uma divindade criadora e moralmente orientadora em Nárnia, Lewis pode abordar temas como justiça e redenção de maneiras que cativam leitores adultos e jovens. Arantes observa que esta abordagem não apenas adiciona significado religioso e filosófico à trama, mas também permite que os leitores pensem sobre como a divindade e a moralidade afetam suas próprias vidas. Ao fazê-lo, Lewis usa a fantasia não apenas como um meio de escapismo, mas também como um meio de refletir e compreender valores religiosos e morais.

A utilização de mitos e simbolismo religioso melhora nossa compreensão de como a literatura de fantasia pode adaptar e refratar esses temas. A fantasia não reduz a seriedade dos temas discutidos, mas oferece uma nova perspectiva que permite que antigas verdades sejam vistas de uma nova perspectiva. Além de melhorar a narrativa, esse processo reafirma o valor da fantasia como um gênero literário sério que pode abordar questões importantes e duradouras.

**2.2 Intertextualidade: Diálogos entre Textos**

O conceito de intertextualidade é essencial para compreender como textos dialogam entre si ao longo do tempo. Julia Kristeva, nos anos 1960, desenvolveu esse conceito com base no dialogismo de Mikhail Bakhtin, afirmando que todo texto é um “mosaico de referências”, um entrelaçado de vozes, passadas e presentes, que se encontram nas páginas da literatura. Segundo Kristeva, o discurso é “a língua em sua integridade concreta e viva”, e suas relações são “extralinguísticas”, embora ligadas ao campo discursivo (KRISTEVA apud LUCAS, 2018, p. 42). Dessa forma, a literatura não é autônoma, mas resultado da convivência de múltiplas vozes.

Kristeva argumenta que “a palavra no texto pertence simultaneamente ao sujeito da escritura e ao destinatário”, estando “orientada para o corpus literário anterior ou sincrônico” (KRISTEVA apud LUCAS, 2018, p. 45). Isso rompe com a visão tradicional de autoria como soberania criativa, redefinindo o autor como um mediador que reconfigura discursos existentes. Assim, a originalidade está em como um texto incorpora, transforma e ressignifica outras vozes.

Essa perspectiva amplia também o papel do leitor. A leitura se torna um ato ativo, no qual o leitor deve identificar e interpretar essas múltiplas camadas. É necessário entender não apenas o texto,



**REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE**  
**ISSN 2763-8928**

NO PRINCÍPIO ERA O CANTO: A CRIAÇÃO DO MUNDO EM NÁRNIA E NA BÍBLIA EM PERSPECTIVA COMPARADA  
Miriam Lee

mas o intertexto, o conjunto de vozes e referências que o compõem. Isso torna a leitura uma experiência dinâmica, de constante redescoberta e reconstrução de sentidos.

A teoria da intertextualidade se expandiu com Gérard Genette, em *Palimpsestos: a literatura de segundo grau*, ao categorizar as formas de interação entre textos: intertextualidade explícita, implícita, paródia e pastiche. A intertextualidade explícita ocorre quando há referência direta a outro texto, por exemplo, uma citação. Isso facilita a identificação da fonte e a construção de um novo significado.

A intertextualidade implícita é mais sutil, pois não há menções diretas, mas sim ecos temáticos, estruturais ou estilísticos. Um texto pode lembrar outro por sua forma, enredo ou abordagem, exigindo do leitor um conhecimento prévio para perceber tais influências. Já o pastiche e a paródia lidam com imitação: a paródia exagera ou distorce para provocar crítica ou humor, enquanto o pastiche homenageia, combinando estilos com reverência.

Genette (2010, p. 8) reforça que “uma percepção mais aguda dos textos mostra como a literatura está interconectada” e que ela deve ser vista como “um diálogo contínuo entre autores, culturas e épocas”. Assim, os textos participam de “uma ampla rede de significados e influências literárias”, e a crítica literária se torna um exercício de escuta atenta dessa rede.

A intertextualidade não se limita à literatura. Ela aparece em todas as formas artísticas, tais como cinema, música e artes visuais, reforçando sua presença nas expressões humanas. No cinema, por exemplo, diretores como Quentin Tarantino usam amplamente a intertextualidade, combinando estilos e referências de diferentes gêneros. Seus filmes, como *Pulp Fiction* e *Kill Bill*, constroem mosaicos culturais que envolvem o espectador em múltiplos níveis de leitura.

Na música, a intertextualidade se manifesta por meio de samples, alusões líricas e fusões de gêneros. O álbum *Paul's Boutique*, dos Beastie Boys, é exemplar nesse sentido, combinando trechos de diferentes músicas em uma colagem sonora que reinterpreta a tradição musical. Nas artes visuais, artistas como Picasso e Banksy inserem referências a movimentos, estilos e obras clássicas, estabelecendo diálogos entre presente e passado.

Esses exemplos mostram que a intertextualidade transcende os limites de um único campo e se torna uma forma de compreender a arte como um processo contínuo de diálogo e transformação cultural. Isso também impacta a forma como lemos obras literárias: cada alusão, citação ou estilo evocado enriquece o texto, adicionando profundidade à interpretação.

Além disso, o leitor tem papel central nesse processo. Ele é quem decodifica as referências, constrói pontes entre os textos e ativa o intertexto. Essa leitura ativa não só torna a experiência mais envolvente, como revela a intencionalidade do autor e as possíveis ressignificações dos elementos literários. A leitura intertextual permite, assim, a valorização das escolhas estilísticas, temáticas e narrativas de uma obra.

A intertextualidade nos ensina que os textos são, ao mesmo tempo, produtos e produtores de cultura. Eles não existem isoladamente, mas estão inseridos em um sistema mais amplo de significados



**REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE**  
**ISSN 2763-8928**

NO PRINCÍPIO ERA O CANTO: A CRIAÇÃO DO MUNDO EM NÁRNIA E NA BÍBLIA EM PERSPECTIVA COMPARADA  
Miriam Lee

e influências. Ao reconhecer essas conexões, compreendemos melhor a complexidade da criação artística e da experiência humana.

Por isso, a intertextualidade não apenas amplia a análise literária, mas também possibilita uma leitura mais consciente e contextualizada da obra. Ela nos ajuda a perceber como autores se posicionam em relação a tradições, discursos e eventos históricos e culturais. Incorporar estruturas ou temas de obras anteriores pode ser tanto uma forma de crítica quanto de homenagem, sempre carregando significados que dialogam com seu tempo.

Este trabalho, portanto, parte da intertextualidade como eixo teórico para analisar os vínculos entre *As Crônicas de Nárnia: O Sobrinho do Mago* e a *Bíblia Sagrada*. A intenção é identificar como C.S. Lewis resgata, adapta e ressignifica elementos bíblicos, especialmente o tema da Criação, dentro de sua narrativa fantástica, demonstrando o entrelaçamento entre literatura e teologia.

### **3 NARRATIVAS DE CRIAÇÃO: BÍBLIA E NÁRNIA**

A cosmogonia, segundo Correia (2018), oferece uma análise profunda das diversas histórias mitológicas sobre a criação do mundo, destacando a transição do caos para a ordem como um tema recorrente em múltiplas culturas. Em seu artigo, o autor explora a cosmogonia não apenas como um subcampo da cosmologia, que geralmente aborda a origem e o desenvolvimento do universo sob uma perspectiva científica, como na teoria do Big Bang, mas também como um campo intrinsecamente ligado às tradições mitológicas e culturais. O autor enfatiza essa distinção ao apontar que, enquanto a cosmologia científica busca compreender o universo por meio de teorias e observações empíricas, a cosmogonia concentra-se nas explicações simbólicas e narrativas que diferentes civilizações elaboraram para dar sentido à origem do mundo.

#### **3.1 Cosmogonia**

As palavras gregas *kosmos* (ordem) e *gígnomai* (vir a ser) são as raízes do termo “cosmogonia”. O conceito reflete, portanto, a transformação do caos indiferenciado em um universo estruturado. Essa transição é comum a muitas mitologias, nas quais deuses ou entidades primordiais emergem de um estado caótico ou inexistente para criar o mundo ordenado, dando forma a estrelas, planetas e vida.

Correia (2018) ressalta que as cosmogonias não são apenas relatos antigos, mas expressões culturais fundamentais que revelam a visão de mundo das sociedades que as produziram. Elas não apenas explicam como o cosmos se formou, mas também estabelecem padrões morais, sociais e filosóficos, atribuindo sentido à existência humana nesse universo organizado. Dessa forma, a cosmogonia é simultaneamente uma reflexão teológica, filosófica e cultural sobre as origens e o propósito do mundo.

Ao explorar essas narrativas, Correia (2018) mostra como diferentes culturas enfrentam questões fundamentais da existência, influenciadas por tradições filosóficas e religiosas próprias. Assim, a cosmogonia se apresenta como um campo interdisciplinar, que atravessa religião, filosofia,



**REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE**  
**ISSN 2763-8928**

**NO PRINCÍPIO ERA O CANTO: A CRIAÇÃO DO MUNDO EM NÁRNIA E NA BÍBLIA EM PERSPECTIVA COMPARADA**  
Miriam Lee

ciência e mito, oferecendo insights valiosos sobre a condição humana e nossa busca por ordem e compreensão.

No artigo, Correia (2018) baseia-se também na obra *The Myths of Creation* (1983), de Charles Long Alpha, para estruturar sua análise, classificando os mitos cosmogônicos em duas categorias principais: *creatio ex nihilo* e *creatio ex materia*. Essa categorização permite uma abordagem mais sistemática e comparativa das narrativas de criação de diferentes culturas.

A primeira, *creatio ex nihilo*, criação a partir do nada, é típica das tradições teológicas das religiões abraâmicas, nas quais Deus é visto como a fonte suprema e independente, capaz de criar o universo sem matéria pré-existente. Esse conceito está ligado à ideia de poder absoluto e levanta questões filosóficas profundas sobre a possibilidade da existência a partir do "nada".

A segunda categoria, *creatio ex materia*, diz respeito à criação a partir de uma substância ou matéria pré-existente. Mitologias como as mesopotâmicas e egípcias geralmente se enquadram nesse modelo, apresentando o cosmos como resultado da reorganização de elementos caóticos primordiais, muitas vezes personificados como deuses ou forças naturais. Nessas narrativas, o conflito e a transformação são centrais, refletindo uma visão dinâmica do universo e servindo como metáforas para ciclos naturais e fenômenos observáveis.

Ao propor a organização dos mitos em dois grandes grupos, Correia (2018) não apenas facilita o estudo comparativo entre diferentes culturas, mas também possibilita a identificação de padrões e temas recorrentes que atravessam os diversos sistemas mitológicos. Essa abordagem amplia o entendimento intercultural e interdisciplinar, ao evidenciar tanto as similaridades quanto as especificidades de cada tradição. Além disso, sua estrutura analítica revela as funções psicológicas e sociológicas dos mitos, mostrando que eles vão além da explicação das origens do mundo: são expressões dos valores, das angústias e das formas de conhecimento das sociedades que os produziram. Dessa forma, a categorização proposta oferece uma chave interpretativa para compreender como distintas civilizações enfrentam, e continuam enfrentando, questões fundamentais sobre a existência, a ordem e o propósito no universo.

### **3.2 A criação segundo a Bíblia Sagrada**

A Bíblia Sagrada (2008) é uma obra que ultrapassa fronteiras culturais e temporais, reunindo uma coletânea de textos produzidos por diversos autores ao longo dos séculos. Sua essência reside em sua estrutura narrativa, como destacam Gordon Fee e Douglas Stuart (2020, p. 23): “Antes, o caráter essencial da Bíblia – de toda a Bíblia – é narrativo; uma narrativa na qual as proposições e os imperativos estão profundamente integrados como parte essencial. E, assim, a Bíblia começa com uma série de livros narrativos.”

O ponto de partida dessa grande narrativa é o relato da Criação, no livro de Gênesis, que não apenas descreve a origem do mundo e de todas as formas de vida, mas também introduz temas centrais como a queda, a aliança divina e a eleição de Israel como povo de Deus. O texto se inicia com a palavra hebraica *Bereshit* (“no princípio”), e apresenta uma narrativa prosaica com forte dimensão



**REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE**  
**ISSN 2763-8928**

NO PRINCÍPIO ERA O CANTO: A CRIAÇÃO DO MUNDO EM NÁRNIA E NA BÍBLIA EM PERSPECTIVA COMPARADA  
Miriam Lee

poética. Cada etapa da criação é marcada por um padrão literário repetitivo, que expressa a ação divina e sua aprovação. Conforme o Salmo 33:6: “Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da sua boca.”

Essa estrutura evidencia o poder soberano de Deus, que cria pela palavra, estabelecendo ordem a partir do caos. A repetição da frase “E viu Deus que era bom” reforça a bondade inerente da criação, oferecendo uma visão otimista do mundo, em contraste com outras cosmogonias antigas, como as do Oriente Próximo, nas quais a criação ocorre por meio do conflito entre deuses.

A criação do ser humano, descrita em Gênesis 1:28, revela a função delegada por Deus à humanidade: “E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra.” Esse domínio não deve ser entendido como exploração, mas como responsabilidade de cuidar da criação, o que ressoa fortemente nos debates contemporâneos sobre ética e sustentabilidade ambiental.

A narrativa oferece múltiplos níveis de interpretação teológica, simbólica e moral. Mostra um Deus que organiza o universo com intencionalidade e propósito, e que estabelece uma relação de pacto com sua criação. O ritmo do relato, com frases como “E disse Deus” e “E viu Deus que era bom”, enfatiza a ordem e o propósito da criação divina. Como analisa Walter Brueggemann, essa estrutura expressa o controle de Deus sobre o caos e uma visão de paz e harmonia que permeia o mundo criado. O sétimo dia, o sábado, marca o fim do processo criativo e introduz o repouso como princípio teológico. O *Shabbat* no judaísmo simboliza não apenas descanso, mas um momento de aliança e adoração, lembrando a dependência da humanidade em relação ao Criador.

Outro conceito-chave está em Gênesis 1:26–27, quando Deus afirma: “Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança.” Essa declaração confere dignidade única ao ser humano e implica responsabilidades éticas em relação ao mundo. “Imagem e semelhança” não significam apenas uma conexão espiritual com Deus, mas também a vocação humana de cuidar da criação e agir com justiça. A criação do homem e da mulher, juntos, reforça a ideia de responsabilidade compartilhada, sugerindo que a imagem divina se manifesta na comunidade, e não apenas no indivíduo.

Esse entendimento tem profundas implicações teológicas e antropológicas: ser “imagem de Deus” não se limita às capacidades físicas ou intelectuais, mas envolve as relações com o Criador, com o próximo e com o mundo. Essa visão influencia abordagens cristãs sobre dignidade humana, justiça social e cuidado com o meio ambiente.

Os dois primeiros capítulos de Gênesis apresentam perspectivas distintas e complementares da criação. Gênesis 1:1-2:3, estruturado em sete dias, retrata um Deus transcendente que cria pela palavra, com ênfase na ordem, no equilíbrio e na bondade do cosmos. Já Gênesis 2:4-25 adota uma abordagem mais intimista e antropológica, apresentando Deus como um artesão que forma o homem do pó e sopra nele o fôlego da vida. Neste relato, o foco está nas relações interpessoais, no ambiente do Éden e no surgimento da mulher, a partir da costela de Adão.



**REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE**  
**ISSN 2763-8928**

**NO PRINCÍPIO ERA O CANTO: A CRIAÇÃO DO MUNDO EM NÁRNIA E NA BÍBLIA EM PERSPECTIVA COMPARADA**  
Miriam Lee

Essas duas narrativas se diferenciam dos mitos do antigo Oriente Próximo, como o *Enuma Elish*, onde a criação resulta de batalhas entre deuses. A visão bíblica rejeita o caos e a violência como forças criadoras, destacando a ação voluntária e ordenada de um único Deus. Victor P. Hamilton observa que essa distinção não apenas mostra um contraste com os mitos vizinhos, mas também indica um engajamento crítico por parte dos autores bíblicos, que reelaboraram tradições culturais para comunicar uma teologia centrada na justiça, ordem e relação ética entre Deus e a criação.

Estudar Gênesis 1 e 2, à luz dessa comparação, revela não só a concepção bíblica das origens, mas também como os antigos israelitas compreendiam seu papel no universo e sua relação com um Deus único, soberano e moralmente justo.

**3.3 A criação segundo As Crônicas de Nárnia**

As Crônicas de Nárnia, de C.S. Lewis (2005), é uma das séries de literatura fantástica mais apreciadas mundialmente. Composta por sete volumes, a obra cativa leitores de todas as idades ao explorar um universo mágico repleto de personagens marcantes, aventuras e descobertas. Escrita na década de 1950, a série combina fantasia com reflexões teológicas e éticas, refletindo a formação intelectual de Lewis em literatura e teologia.

O mundo de Nárnia é habitado por criaturas falantes e permeado por magia. Crianças do nosso mundo são frequentemente transportadas para esse universo, onde desempenham papéis heroicos em batalhas entre o bem e o mal. Embora publicada fora da ordem cronológica dos eventos, a sequência narrativa começa com *O Sobrinho do Mago*, que relata a criação de Nárnia e a origem do mal nesse mundo. Em seguida vêm: *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* (1950), *O Cavalo e Seu Menino* (1954), *Príncipe Caspian* (1951), *A Viagem do Peregrino da Alvorada* (1952), *A Cadeira de Prata* (1953) e *A Última Batalha* (1956), esta última narrando o apocalipse narniano.

Apesar de cada livro poder ser lido de forma independente, todos contribuem para um arco narrativo unificado, que aborda temas como fé, redenção e a luta entre o bem e o mal. O leão Aslam, figura central da série, é uma representação alegórica de Jesus Cristo. Em *O Sobrinho do Mago*, Aslam dá vida a Nárnia por meio de seu canto, um ato criador que transforma o vazio em um mundo repleto de vida.

[...] um segundo, milhares e milhares de pontos de luz saltaram, estrelas isoladas, constelações, planetas, muito mais reluzentes e maiores do que em nosso mundo. [...] Se você tivesse visto e ouvido aquilo, tal como Digory, teria tido a certeza de que eram as estrelas que estavam cantando e que fora a Primeira Voz, a voz profunda, que as fizera aparecer e cantar.” (LEWIS, 2005, p. 38)

As crianças Digory Kirke e Polly Plummer testemunham essa criação ao serem transportadas acidentalmente para Nárnia através dos anéis mágicos de André Ketterley, um mago amador. O processo criativo que testemunham não é aleatório, mas ordenado e intencional: cada criatura surge com um propósito, refletindo um mundo concebido com harmonia.



**REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE**  
**ISSN 2763-8928**

**NO PRINCÍPIO ERA O CANTO: A CRIAÇÃO DO MUNDO EM NÁRNIA E NA BÍBLIA EM PERSPECTIVA COMPARADA**  
Miriam Lee

O ato de criar por meio do canto remete à tradição cristã e outras cosmologias nas quais a palavra tem poder criador. Em Gênesis, Deus cria ao dizer: “Haja luz”, o que encontra paralelo na criação sonora de Aslam.

O Leão andava de um lado para o outro na terra nua, cantando a nova canção [...] Em poucos minutos deslizava pelas vertentes mais baixas das montanhas distantes, suavizando cada vez mais aquele mundo novo. (LEWIS, 2005, p. 40)

Karen Armstrong, em *Uma História de Deus*, ressalta como diversas tradições religiosas atribuem à palavra falada um papel central na ação divina. Para Paul Tillich (2014, p. 258), a criação é uma “auto-revelação constante de Deus”, ideia refletida no canto de Aslam, que não apenas inicia o mundo, mas também sustenta sua existência.

David C. Downing, em *Into the Wardrobe: C.S. Lewis and Narnia Chronicles*, analisa a intenção de Lewis de inspirar admiração e reverência pela criação. Para Downing, a criação de Nárnia expressa ordem e beleza surgindo do caos, espelhando a bondade divina. Isso se conecta à visão de Alister McGrath, que defende em *Christian Theology* que:

Na visão criativa de Deus, o indivíduo está presente como um todo em seu ser essencial e em seu telos interior [...] O mistério do ser [...] está oculto no mistério da criatividade da vida divina. (McGRATH, 2013, p. 267)

Assim, a criação em Nárnia carrega não apenas um valor estético, mas também espiritual e teológico. Para Lewis, Nárnia não é uma simples fuga da realidade, mas um espaço onde o sagrado e o secular se entrelaçam, despertando o leitor para verdades espirituais por meio da fantasia.

A Bruxa Má, introduzida em *O Sobrinho do Mago*, simboliza a entrada do mal em Nárnia, contrastando com a ação criadora e bondosa de Aslam. Essa oposição representa a coexistência do bem e do mal e o livre-arbítrio, temas centrais na teologia cristã.

A criação em *As Crônicas de Nárnia*, portanto, vai além da origem de um mundo fictício. Ela serve como metáfora rica para a reflexão sobre o poder da palavra, a natureza divina e a condição humana, evidenciando como a literatura pode ser um veículo eficaz para explorar e comunicar verdades teológicas profundas.

**4 A BÍBLIA E NÁRNIA: UMA ANÁLISE COMPARADA DE SUAS NARRATIVAS DE CRIAÇÃO**

A partir da fundamentação teórica adotada neste trabalho, é possível compreender *O Sobrinho do Mago*, de C.S. Lewis, não apenas como uma obra de fantasia, mas como uma releitura simbólica e criativa da narrativa bíblica da criação. Utilizando os conceitos de intertextualidade abordados por Tania Franco Carvalhal, percebe-se que Lewis estabelece um diálogo direto com o texto bíblico. Segundo Carvalhal, a intertextualidade permite que um texto amplie seus sentidos ao se relacionar com outros, o que se evidencia na forma como Lewis transforma os elementos do Gênesis dentro de uma narrativa fantástica e mitológica.



**REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE**  
**ISSN 2763-8928**

NO PRINCÍPIO ERA O CANTO: A CRIAÇÃO DO MUNDO EM NÁRNIA E NA BÍBLIA EM PERSPECTIVA COMPARADA  
Miriam Lee

Northrop Frye (2004), ao discutir a influência da Bíblia na tradição literária ocidental, destaca como as Escrituras fornecem arquétipos e estruturas narrativas que permeiam obras literárias, especialmente no gênero fantástico. Em *O Sobrinho do Mago*, Lewis apropria-se dessas estruturas para desenvolver temas centrais como a criação *ex nihilo*, a introdução do mal em um mundo recém-nascido e a representação de Aslam como uma figura criadora benevolente. Através dessas reinterpretações, Lewis utiliza a fantasia não apenas como entretenimento, mas como ferramenta para refletir sobre dilemas éticos e espirituais.

A autora Arantes, em sua tese, argumenta que a literatura fantástica, ao criar mundos alternativos, oferece um espaço privilegiado para discutir a condição humana por meio de símbolos mitológicos e religiosos que ressoam com o leitor contemporâneo. Lewis, portanto, adapta o mito da criação como forma de explorar temas como ética, corrupção, livre-arbítrio e redenção, tornando-os acessíveis por meio de uma linguagem ficcional profundamente simbólica.

Diante disso, pode-se afirmar que *O Sobrinho do Mago* reinterpreta, com originalidade e profundidade, a narrativa da criação bíblica. Lewis não se limita a imitar a história de Gênesis; ele a transforma, inserindo-a em um universo onde o sagrado se manifesta de forma estética, emocional e sensorial. Assim, a obra se insere na tradição literária que dialoga com mitos fundadores, ao mesmo tempo em que propõe novas perspectivas sobre o divino e o humano.

Um dos paralelos mais evidentes entre as duas narrativas é a criação por meio da palavra — ou, no caso de Lewis, do canto. No Gênesis 1:3, Deus cria através da fala: “E disse Deus: ‘Haja luz’; e houve luz.” Esse momento ocorre num contexto primordial de caos e vazio: “E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo.” (Gênesis 1:2)

A linguagem divina atua, nesse caso, como força criadora e ordenadora. Lewis reinterpreta essa mesma ideia em *O Sobrinho do Mago* ao apresentar Aslam criando Nárnia com sua voz em forma de canto, não com palavras explícitas, mas com uma música que emana da própria essência do ser e ressoa em toda a criação. O texto descreve:

Uma voz cantava. Muito longe. Nem mesmo era possível precisar a direção de onde vinha. Parecia vir de todas as direções [...] O canto não tinha palavras. [...] era o mais belo som que ele já ouvira. Tão bonito que chegava a ser quase insuportável. (LEWIS, 2005, p. 38)

Aqui, Lewis propõe uma experiência da criação mais sensível e estética. O canto de Aslam, mesmo sem palavras, é carregado de significados profundos, ele transcende a linguagem literal e transmite a criação como expressão artística e emocional. É uma forma mais imersiva de comunicação divina, capaz de afetar não apenas a razão, mas também a sensibilidade e o imaginário.

Outra distinção relevante entre os textos está na forma como a divindade permanece em relação à criação. Na narrativa bíblica, após os seis dias da criação, Deus descansa no sétimo: “E havendo Deus acabado no dia sétimo a obra que fizera, descansou [...]” (Gênesis 2:2-3). Já em *O Sobrinho do Mago*, Aslam continua presente e ativo no mundo que acaba de criar. Ele não apenas cria,



**REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE**  
**ISSN 2763-8928**

NO PRINCÍPIO ERA O CANTO: A CRIAÇÃO DO MUNDO EM NÁRNIA E NA BÍBLIA EM PERSPECTIVA COMPARADA  
Miriam Lee

mas caminha e canta entre as criaturas: “Todo esse tempo, prosseguiram a canção do Leão e seu majestoso caminhar, de um lado para outro, para a frente e para trás.” (LEWIS, 2005, p. 40)

Essa imagem sugere uma divindade mais próxima e pessoal, que participa continuamente do destino de sua criação. A divindade lewisiana é relacional, amorosa e protetora — uma figura viva que orienta e interage com os personagens.

Além disso, Lewis atribui forma e cor à divindade por meio de Aslam, o leão majestoso: “Era um Leão. Enorme, peludo e luminoso, ele estava de frente para o sol que nascia. Com a boca aberta em pleno canto [...]” (LEWIS, 2005, p. 39). E, essa visualidade contrasta com a representação abstrata e invisível de Deus em Gênesis, sugerindo que a fantasia pode representar o sagrado de maneira mais concreta e próxima à experiência humana.

Carvalho (2006) alerta que a intertextualidade não se resume à identificação de semelhanças, mas envolve o exame das transformações e reinterpretações que um texto realiza sobre o outro. Nesse sentido, enquanto o Gênesis se concentra na instauração da ordem cósmica e das leis fundamentais da existência humana, Lewis direciona sua narrativa para o relacionamento entre as criaturas e a criação, destacando temas como livre-arbítrio, responsabilidade e consequências morais.

A figura da Bruxa Jadis, por exemplo, que adentra Nárnia durante sua criação, simboliza a introdução do mal no mundo, um paralelo evidente à queda descrita no Gênesis, mas inserido por Lewis já no início do processo criativo. Com isso, a criação em *O Sobrinho do Mago* não representa um momento de perfeição isolada, mas sim o início de uma história dinâmica, marcada por conflitos éticos e escolhas morais.

Portanto, enquanto a Bíblia apresenta a criação como um ato concluído, com início, meio e fim, Lewis concebe a criação como um processo contínuo, onde o mundo é constantemente sustentado, transformado e desafiado por sua própria complexidade. A criação é o ponto de partida de uma jornada de descobertas, provações e crescimento espiritual.

A análise intertextual entre o Gênesis e *O Sobrinho do Mago* revela como C.S. Lewis reconstrói criativamente uma das mais conhecidas narrativas religiosas da humanidade. Sua releitura, permeada pela fantasia e pela teologia cristã, não apenas homenageia a tradição bíblica, mas também propõe novas formas de compreendê-la, atualizá-la e torná-la acessível a novos públicos. Em última instância, a criação de Nárnia convida o leitor a refletir sobre os grandes mistérios da existência, ou seja, origem, propósito e liberdade, por meio da imaginação e da beleza literária.

## CONSIDERAÇÕES

Este trabalho teve como objetivo investigar as relações simbólicas e temáticas entre *As Crônicas de Nárnia*, de C.S. Lewis, e a narrativa bíblica da criação, especialmente conforme apresentada no livro de Gênesis. A análise revelou que, embora se trate de uma obra de fantasia, *O Sobrinho do Mago* dialoga intensamente com o texto bíblico, ressignificando seus elementos por meio da linguagem literária e do imaginário mitopoético.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE  
ISSN 2763-8928

NO PRINCÍPIO ERA O CANTO: A CRIAÇÃO DO MUNDO EM NÁRNIA E NA BÍBLIA EM PERSPECTIVA COMPARADA  
Miriam Lee

Ao reconstruir a criação do mundo narniano, Lewis não apenas homenageia a tradição judaico-cristã, mas propõe uma releitura original, sensível e teológica da origem do universo. Seu uso do canto como força criadora, a representação de Aslam como figura messiânica, e a introdução do mal como elemento ativo já no início da criação, são apenas alguns dos recursos que demonstram a profundidade simbólica de sua narrativa. Esses elementos, longe de constituírem simples alusões, revelam uma intertextualidade complexa que transforma a fantasia em veículo de reflexão ética, espiritual e filosófica.

A partir da fundamentação teórica de autores como Tania Franco Carvalhal, Northrop Frye e Paul Tillich, compreende-se que *O Sobrinho do Mago* atua como uma ponte entre o literário e o sagrado. Lewis, como escritor e teólogo, oferece ao leitor contemporâneo não só um universo fantástico, mas também uma chave de leitura para temas universais como a criação, o livre-arbítrio, a redenção e o enfrentamento do mal. A fantasia, nesse contexto, não serve como escapismo, mas como campo fértil para o despertar da consciência ética e espiritual.

A análise reforça, portanto, a relevância de C.S. Lewis como autor cuja obra transcende os limites da literatura infantojuvenil e se insere de maneira legítima nos estudos interdisciplinares entre literatura e teologia. *As Crônicas de Nárnia*, em especial *O Sobrinho do Mago*, revelam-se não apenas como fonte de encantamento, mas como textos que desafiam o leitor a contemplar a profundidade do sagrado em meio ao cotidiano e às grandes questões existenciais da humanidade.

Conclui-se, assim, que a contribuição de Lewis reside em sua habilidade singular de entrelaçar narrativa, simbologia cristã e questões morais de forma acessível e envolvente. Sua obra permanece atual e relevante, não apenas como um clássico da literatura fantástica, mas como um ponto de partida potente para a reflexão sobre a fé, o mistério da criação e o papel do ser humano no universo. Ao estabelecer esse diálogo entre o texto bíblico e a literatura moderna, *O Sobrinho do Mago* oferece aos leitores um convite à contemplação e à redescoberta do sagrado sob novas formas.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Judith Tonioli. **Fantasy e mito em O Silmarillion de J. R. R. Tolkien**. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus**. Tradução de Marcos Santarrita. 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida, revista e atualizada no Brasil. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BRUEGGEMANN, Walter. **Genesis: interpretation: a Bible commentary for teaching and preaching**. Louisville: Westminster John Knox Press, 2010.

CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CORREIA, Carlos João. **Cosmogonia: estudo de mitologia comparada**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2018.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE  
ISSN 2763-8928

NO PRINCÍPIO ERA O CANTO: A CRIAÇÃO DO MUNDO EM NÁRNIA E NA BÍBLIA EM PERSPECTIVA COMPARADA  
Miriam Lee

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os irmãos Karamázov**. Tradução de Herculano Villas-Boas. São Paulo: Martin Claret, 2013. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Os-Irm%C3%A3os-Karam%C3%A1zov-Fi%C3%B3dor-Dostoi%C3%A9vski/dp/8572329412>. Acesso em: 11 nov. 2024.

DOWNING, David C. **Into the wardrobe: C. S. Lewis and Narnia chronicles**. California: Jossey-Bass, 2005.

FRYE, Northrop. **O código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. Tradução de Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo, 2004.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segundo grau**. Tradução de Luciene Guimarães. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

HAMILTON, Victor P. **The book of Genesis: chapters 1–17**. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1990.

LEWIS, Clive Staples. **As Crônicas de Nárnia: A cadeira de prata**. Tradução de Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEWIS, Clive Staples. **As Crônicas de Nárnia: A última batalha**. Tradução de Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEWIS, Clive Staples. **As Crônicas de Nárnia: O cavalo e seu menino**. Tradução de Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEWIS, Clive Staples. **As Crônicas de Nárnia: O leão, a feiticeira e o guarda-roupa**. Tradução de Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEWIS, Clive Staples. **As Crônicas de Nárnia: O sobrinho do mago**. Tradução de Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEWIS, Clive Staples. **As Crônicas de Nárnia: Príncipe Caspian**. Tradução de Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEWIS, Clive Staples. **As Crônicas de Nárnia: A viagem do peregrino da alvorada**. Tradução de Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LUCAS, Cássio de Borba. **Julia Kristeva e a semanálise: dos dialogismos às significâncias**. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2018.

McGRATH, Alister. **Christian theology: an introduction**. 5. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2014.

TOLKIEN, J. R. R. **O Silmarillion**. Tradução de Reinaldo José Lopes. Ilustrações de Ted Nasmith. São Paulo: HarperCollins Brasil, 2023.